

INFÂNCIA: REFLEXÕES SOBRE A *BOLSA AMARELA* DE LYGIA BOJUNGA

Eloisa da Rosa Oliveira (UFSC/UNESC)

elo@unesc.net

Jésca Goulart Caetano (UNESC)

jescacaetano@gmail.com

RESUMO

Na bolsa amarela de Raquel cabem muitas coisas: um galo, um alfinete, cartas... Entre elas, três vontades. O presente trabalho faz uma análise da obra *A Bolsa Amarela* de Lygia Bojunga, com foco nas três vontades apresentadas pela personagem principal, Raquel: a vontade de ser grande, a de ser menino e a de ser escritora. A partir dessas três categorias, analisamos a concepção de infância apresentada na obra, bem como as tensões travadas entre as questões de gênero e a construção de identidade dada na infância. Tais conflitos são constantemente atravessados pelos valores morais impostos pelos adultos. Por fim, ao analisarmos esse enredo, consideramos que a infância de Raquel se constrói a partir de duas realidades paralelas: uma referente ao modo como seus pais encaram a infância e outra referente à própria perspectiva da menina que tenta resistir à opressão por meio da escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Infância. Gênero. Educação.

CHILDHOOD: REFLECTIONS ON *THE YELLOW BAG* BY LYGIA BOJUNGA

ABSTRACT

In Raquel's yellow bag there a lot of things: a rooster, a pin, letters... Among them, three wills. This work aims at analyzing the book *The Yellow Bag* by Lygia Bojunga, focusing on three wills of the main character, Raquel: the will of being a grown-up, the one of being a boy and the one of being a writer. From these three categories, we have analyzed the conception of childhood presented in the book, as well as tensions between gender discussions and identity construction during childhood. Those conflicts are frequently cross by moral values imposed by adults. Through the analysis of this plot, we have considered Raquel's childhood as built from two different parallel realities: one concerning to the way her parents see childhood and another one concerning to her own perspective while trying to resist oppression through writing.

KEYWORDS: Childhood. Gender. Education.

1 Introdução

O que é infância? Como devemos olhar para as crianças? Essas são perguntas que inquietam a sociedade desde o fim do século XVII quando as pessoas passaram a olhar para a infância de maneira diferente. Nessa época, passou a ser entendido que os pequenos precisavam ser vistos sob uma nova perspectiva que, de fato, encarasse suas necessidades por vezes diferentes dos adultos.

As concepções de infância são formadas e reformuladas a partir do momento histórico da sociedade, por seus valores morais e pelo meio em que se vive. Sobre essa relação entre o modo como observamos a infância e o momento histórico que estamos, Jean-Marie Gagnebin (1997), em seu texto “Infância e pensamento”, pontua que a infância não pode ser entendida como algo nato, mas sim como algo que se constitui por meio da história social. Dessa forma, a concepção de infância nunca será a mesma, mas sim algo que se modifica, que evolui sempre, conforme um movimento social.

Assim, neste trabalho¹, buscou-se perceber qual concepção de infância aparece na obra escolhida como objeto de pesquisa *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga. O olhar esteve voltado com maior atenção à personagem principal: Raquel, que narra sua própria história, por meio da fantasia. A menina possui senso crítico aguçado, criatividade peculiar e questiona a todo o tempo os conceitos e padrões sociais impostos por sua própria família. A partir daí, analisou-se qual o tipo de representação da infância está implícito na obra e quais discussões podem surgir a partir dessa leitura.

Para entendermos o enredo estrelado por Raquel, a personagem que motivou esta pesquisa, cabe resumir brevemente aqui esta história. Pois bem, *A Bolsa Amarela* conta a história de uma menina chamada Raquel que vive em conflito consigo mesma por ter três desejos quase que incontrolláveis, de ser grande/adulta, de ser menino e de ser escritora. Todas essas vontades são desaprovadas pela família dela. Estes três desejos somados à desaprovação da família fazem com que Raquel viva um paralelo entre o mundo real e um mundo imaginário, onde tudo é possível, inclusive seus desejos reprimidos. De modo geral, pode-se dizer que o enredo de Bojunga se forma por meio da junção entre o mundo real que a personagem principal vive e o mundo imaginário que ela cria para poder ser o que ela gostaria de ser sem ser criticada pelos adultos.

¹ Este trabalho foi apresentado durante o VII Seminário de Literatura Infantil e Juvenil, realizado na UFSC, em 2016. Em decorrência disso, parte deste texto foi publicada nos anais do referido evento.

O livro é narrado em primeira pessoa, os relatos do dia-a-dia da menina são contados por ela mesma por meio da escrita que, em um primeiro momento, se resume em cartas destinadas a um amigo que ela mesma cria, chamado André. Com o tempo, Raquel passa a escrever pequenos romances em que ela cria personagens com características muito semelhantes as suas vontades reprimidas, como é o caso do galo Terrível, por exemplo, que assim como Raquel tem uma vida na qual é forçado a ser o que os outros querem que ele seja. A seguir, apresentamos a análise da obra com foco nesses três desejos guardados na bolsa amarela.

2 A bolsa amarela e suas revelações

Em busca de respostas, será apresentado nesta seção um pouco do estilo da escritora gaúcha, Lygia Bojunga, para posteriormente expor a análise dos três desejos da menina Raquel, a responsável pelo desenvolvimento deste trabalho.

Lajolo e Zilberman falam sobre a obra de Lygia Bojunga:

Sua narrativa flui num ritmo vagaroso, atento à minúcia de comportamento e de ambiente que às vezes se aproxima do fluxo de consciência. O resultado é uma narrativa original que, além de romper com a linearidade, parece ter a intenção de colocar-se ao modo infantil de perceber e dar significado ao mundo. (LAJOLO, ZILBERMAN, 1987, p. 158).

Ainda conforme as autoras, Lajolo e Zilberman (1987), além de fazer alusões às situações sociais, Bojunga apresenta nos enredos que cria as tensões vividas pelos personagens crianças por meio de animais. Isso é exatamente o que acontece com Raquel que, por se sentir reprimida, esconde seus desejos dentro da bolsa amarela por meio do processo de personificação, ora numa espécie de apólogo, ora numa espécie de fábula, com características humanas por vezes semelhantes com as quais ela gostaria de ser. Por isso, o brinquedo e a imaginação a libertam da realidade opressora que a menina Raquel vive.

Lajolo e Zilberman (1987) pontuam que os personagens criados por Lygia Bojunga vivem em conflito com duas realidades distintas: uma que é representada pelo modo como as pessoas as enxergam e outro que é como o próprio personagem se vê ou gostaria de se ver na narrativa. Para as autoras:

As personagens dessa autora vivem no limite, crises de identidade: divididas entre a imagem que os outros têm delas e a auto-imagem que irrompe de seu interior,

Revista Linguagem, Ensino e Educação, Criciúma, v. 2, n. 1, jul. – dez. 2017

manifestando-se através de desejos, sonhos e viagens, os livros de Lygia Bojunga registram o percurso dos protagonistas em direção à posse plena de sua individualidade. (LAJOLO, ZILBERMAN, 1987, p. 158).

Com a personagem principal do objeto de estudos não foi diferente. Raquel, a menina protagonista da obra, vive esse conflito existencial provindo das suas vontades reprimidas pela família. Por conta dessa repressão feita pela família, Raquel esconde todas essas vontades dentro de uma bolsa amarela que ganhou de sua tia Brunilda, contando seu dia-a-dia de maneira bastante divertida e única. Vale ressaltar que a bolsa amarela não se tratou de um presente especial para a menina. Pelo contrário, por ser criança, ela só ganhava o que sobrava. Esse, inclusive, era um dos questionamentos de Raquel. Como se pode perceber no fragmento: “E nunca fiquei com nada. (...) Aí no dia que a roupa pifava, a gente ajeitava daqui e dali, e a roupa ficava pra mim. Eu não dizia nada.” (BOJUNGA, 2011, p. 26).

Essa repressão sofrida por Raquel influencia diretamente na infância da menina e nos faz acreditar que a personagem tem sua infância retratada como uma junção das concepções de infância que enxergava as crianças como seres anônimos na sociedade do século XVII e a concepção de infância que estamos construindo hoje na qual as crianças são seres capazes de contribuir na sociedade com suas ideias e criatividade. Encontramos traços bastante específicos das duas concepções desenvolvidas no texto de Bojunga. A primeira delas referente à ótica pela qual a família enxerga os desejos de Raquel e a outra a partir da visão da própria menina a respeito de seus próprios desejos.

Entende-se que o olhar da família para com a filha se encaixa nos moldes da infância anônima anterior ao século XVII pelo fato de ser a família o motivo que faz com que a menina sinta-se coagida e reprimida em relação aos seus desejos. Essa repressão exclui qualquer hipótese de liberdade de expressão de infância, salvo pelo fato de que pela escrita e pela fantasia, a menina se liberta e consegue expressar o que realmente pensa. Tamanha é a repreensão que a menina sofre de sua família que ela chega a acreditar, em alguns momentos, que os seus desejos são, de fato, algo insignificante. Como se pode ver no fragmento a seguir: “[...] o pessoal ficou de novo contra mim, e eu comecei a desconfiar que ser escritora quando é criança não dá pé.” (BOJUNGA, 2011, p. 21).

Raquel acredita que, por ser criança, o que ela pensa ou deixa de pensar “não conta” e isso faz com que cada vez mais ela queira se tornar adulta para enfim ser livre. Esse desejo em tornar-se adulta fica claro logo no início da obra quando a menina, por sentir-se estranhamente

deslocada e não ser levada a sério pela família decidiu esconder todos os seus desejos o mais depressa possível e em um lugar onde ninguém pudesse achar. Como se pode perceber no trecho a seguir:

Eu tenho que achar um lugar para esconder as minhas vontades. Não digo vontade magra, pequenina, que nem tomar sorvete a toda hora, dar sumiço da aula de matemática, comprar um sapato novo que eu não aguento mais o meu. Vontade assim todo mundo pode ver, não tô ligando a mínima. Mas as outras – as três que de repente vão crescendo e engordando toda a vida – ah, essas eu não quero mais mostrar. De jeito nenhum. (BOJUNGA, 2011, p. 09).

E assim Raquel decide esconder de vez todas suas vontades.

3 A vontade de ser grande

Bojunga traz em seu livro uma espécie de crítica ao narrar a história de uma menina que tenta falar, mas pouco é ouvida dentro de sua própria casa. Ou seja, apesar das transformações sobre o jeito de se olhar para a criança, esta, como ilustrado nesse enredo, ainda não possui voz em muitos momentos.

Raquel é uma criança extremamente inteligente com um poder imaginativo muito desenvolvido, o que a torna capaz de manter uma conversa com os adultos de maneira fácil e coerente, no entanto a família de Raquel é constituída por adultos que acreditam que, em assunto de gente grande criança não deve se meter. Como se pode perceber no fragmento: “Outro dia eu perguntei: o que é que tá acontecendo que toda hora tem briga? Sabe o que é que eles falaram? Que não era assunto para criança.” (BOJUNGA, 2011, p. 19).

Dessa forma, nota-se que Raquel é uma criança vista pela família como alguém subordinado a eles e por isso eles exercem poder sobre ela, inclusive tentando manipulá-la para que ela seja apenas uma criança obediente. Jeanne Marie Gagnebin (1997), em seu texto “Infância e pensamento”, apresenta alguns tópicos sobre a relação entre infância e pensamento filosófico, e sob essa ótica Gagnebin aponta duas grandes linhas de pesquisa sobre a infância. Uma dessas linhas que a autora apresenta pode ser facilmente relacionada com o modo como a família de Raquel vê a infância, pois esta concepção de infância:

nasce com Platão, atravessa a pedagogia cristã com Santo Agostinho, por exemplo, e chega até nós por meio do racionalismo cartesiano, nos diz que a infância é um mal necessário uma condição próxima do estado animalesco e primitivo, e que, como as

Revista Linguagem, Ensino e Educação, Criciúma, v. 2, n. 1, jul. – dez. 2017

crianças são seres privados de razão, elas devem ser corrigidas nas suas tendências selvagens irrefletidas e egoísta que ameaçam a construção consensual da cidade humana graças à edificação racional, o que pressupõe o sacrifício das paixões imediatas e destrutivas. (GAGNEBIN, 1997, p. 85).

Por ser vista pela família como uma criança sem razão que deve ser corrigida em tudo, Raquel dificilmente podia expor suas ideias ou dizer o que ela pensava de determinadas situações em que alguém a repreenda. Por conta disso, a menina, que é muito falante, deseja ser logo adulta para poder falar e ser o que quiser. Para isso, a menina inventa um amigo chamado André com o intuito de escrever cartas destinadas a ele a fim de falar, por meio da escrita, tudo que tiver vontade. E assim inicia-se uma troca de cartas.

Tudo parecia resolvido e Raquel estava desabafando por meio de cartas a André. Logo na primeira carta que Raquel escreve para André fica claro que ela não tem vez nem para conversar com seus familiares, por ser criança, e isso a deixa muito chateada. Essa chateação da menina pode ser vista no trecho a seguir: “Prezado André: Ando querendo bater papo. Mas ninguém tá a fim. Eles dizem que não têm tempo. Mas ficam vendo televisão. Queria contar minha vida. Dá pé? Um abraço da Raquel.” (BOJUNGA, 2011, p. 10).

Ao receber um retorno positivo e sentir-se enfim ouvida/lida, Raquel decidiu continuar escrevendo cartas nas quais ela sente que pode falar o que pensa. No trecho a seguir podemos perceber, por exemplo, o momento em que ela expõe o que pensa ser o motivo pelo qual é sempre excluída pelos familiares.

Querido André: Quando eu nasci, minhas duas irmãs e meu irmão já tinham mais de dez anos. Fico achando que é por isso que ninguém aqui em casa tem paciência comigo: todo mundo já é grande há muito tempo menos eu. [...] Tô sobrando, André. Já nasci sobrando. É ou não é? (BOJUNGA, 2011, p. 11).

Mais tarde ela diz em outra carta: “Não adianta André: gente grande não entende a gente...” (BOJUNGA, 2011, p. 18).

Por conta da opressão da família, Raquel passa a acreditar que somente quando ela for adulta é que poderá enfim conversar com quem quiser sobre o que tiver vontade e ser o que desejar. Esse sentimento que a menina desenvolve a partir da repressão que sofre dentro de casa, pode ser o mesmo vivido pelas crianças do século XVII, pois como afirma Gagnebin (1997), as crianças eram vistas pela sociedade adulta, como pontua Platão, como seres que não podiam ficar sem a supervisão e o controle de um adulto acerca de tudo que a criança fazia, pois

‘a criança’ é de todos os animais o mais intratável [...] na medida em que seu pensamento, ao mesmo cheio de potencialidade e sem nenhuma orientação reta ainda, o torna mais ardiloso, o mais hábil e o mais atrevido de todos os bichos. Essa criança ameaçadora na sua força bruta, essa criança deve ser domesticada e amestrada segundo normas e regras educacionais fundadas na ordem da razão. (GAGNEBIN, 1997, p. 85-86).

É justamente esse sentimento de ameaça que a família de Raquel parece sentir em relação aos pensamentos e desejos da menina. Esse ressentimento acerca da imaginação dela pode ser identificado nos momentos em que ela é cortada em sua autonomia: primeiro o irmão, dizendo “- Guarda essas ideias para mais tarde, tá bem? E em vez de gastar tempo com tanta bobagem, aproveita para estudar melhor. Ah! E olha: não quero pegar outra carta do André, viu?” (NUNES, 2011, p. 18) e, depois, a irmã, que retruca: “Como é que você pode pensar tanta besteira, hem, Raquel?” (BOJUNGA, 2011, p. 23).

Dessa maneira, notam-se os discursos repressivos aos desejos e pensamentos da menina. Ao que parece, a família de Raquel prefere silenciar os desejos da menina e por vezes sua criatividade parece descabida e ofensiva. O jeito é deixar a vontade guardada na bolsa.

4 A vontade de ser menino

Inegavelmente, ainda lidamos com condições excludentes a que muitas mulheres são submetidas, sejam elas no mercado de trabalho, sejam em situações sociais diversas. Para Sérgio Carrara (2009), em seu texto “Educação, diferença e desigualdade”, até o século XX as mulheres eram consideradas inferiores aos homens, por serem vistas pela sociedade como sujeitos que tinham o cérebro menor e significativamente menos desenvolvido que o do homem. De acordo com o autor,

até o início do século XX, uma das justificativas para a não extensão às mulheres do direito ao voto baseava-se na ideia de que elas possuíam um cérebro menor e menos desenvolvido que o dos homens. Esse imperativo de encontrar no corpo as razões de tais diferenças, ou seja, de essencializá-la ou naturalizá-la, explica-se pela própria preponderância formal dos princípios políticos do Iluminismo. (CARRARA, 2009, p. 13).

Lygia Bojunga faz uma crítica a essa sociedade machista ao criar o desejo de ser menino em Raquel. Durante a leitura da obra, fica claro o posicionamento de Bojunga a respeito da desigualdade de gênero. Raquel deseja ser menino, pois acredita que isso resolveria muito de

seus problemas, já que lhe parece ser sempre o homem o sujeito que tem o poder de dar a última palavra em tudo. A menina se inquieta com o que vê, parece ilógico para ela. No trecho a seguir, pode-se perceber a falta de entendimento que Raquel tem em relação ao marido de sua tia Brunilda, que por não querer que a esposa trabalhe, dá tudo o que ela quer, desde que ela fique em casa;

Fiquei pensando no tio Julio. Meu pai diz que ele dá um duro danado pra ganhar o dinheiro que ele ganha. Se eu fosse ele, eu ficava pra morrer de ver a tia Brunilda gastar o dinheiro numas coisas que ela enjoa logo. Mas ele não fica. Eu acho isso tão esquisito! Outra coisa um bocado esquisita é que, se ele reclama ela diz logo: ‘Vou arranjar um emprego.’ Aí ele fala: ‘De jeito nenhum!’ E dá mais dinheiro. Pra ela comprar mais. E pra continuar enjoando. Vou ver se um dia entendo essa jogada. (BOJUNGA, 2011, p. 25).

Por perceber que o sujeito masculino possui vantagens e uma credibilidade maior na sociedade, Raquel sempre cria em seus escritos personagens masculinos que têm como características tudo o que ela gostaria de ser, mas não pode. Além disso, Raquel também não entende o caso da irmã, que sonha com o casamento, como fica claro no trecho que segue:

Essa irmã que eu tô falando é bonita pra burro, você precisa ver. Nem sei o que ela é mais: se bonita ou mascarada. Imagina que outro dia ela me disse: ‘Eu sou tão bonita, que não preciso trabalhar nem estudar: tem homem assim querendo me sustentar; posso escolher à vontade’. (BOJUNGA, 2011, p. 13).

Certo dia, ao ser questionada sobre quem era André, a menina foi logo tentando escapar das confusões que poderiam se formar por conta das cartas e disse que André era um amigo inventado. Achando isso estranho, o irmão questiona o porquê de ela ter inventado um amigo e não uma amiga. Nesse momento fica claro pela fala da personagem principal o porquê do desejo que ela tem de ser menino:

Por que é que você inventou um amigo em vez de uma amiga? Porque eu acho muito melhor ser homem do que mulher. [...] olha: lá na escola, quando a gente tem que escolher um chefe pras brincadeiras, ele é sempre um garoto. Que nem chefe de família: é sempre um homem também. Se eu quero jogar uma pelada, que é tipo do jogo que eu gosto, todo mundo faz pouco de mim e diz que é coisa pra homem; se eu quero soltar pipa, dizem logo a mesma coisa. É só a gente bobear que fica burra: todo mundo tá sempre dizendo que vocês é que têm que meter as caras no estudo, que vocês é que vão ser chefe de família, que vocês é que vão ter responsabilidade, que – puxa vida! – vocês é que vão ter tudo. Até pra resolver casamento – então eu não vejo? – a gente tá sempre esperando vocês resolverem as coisas pra gente. Você quer saber de uma coisa? Eu acho fogo ter nascido menina. (BOJUNGA, 2011, p. 16-17).

Assim, Raquel resolve isso na escrita e guarda tudo na bolsa: todos seus personagens mais criativos são masculinos, o galo Afonso, o galo Terrível, o alfinete de fraldas. Quando a menina cria personagens femininos, ela acaba desenvolvendo nelas características que as inferiorizam em relação aos homens, como é o caso da personagem “a Guarda-Chuva”, como se pode perceber no trecho: “O homem então fez um guarda-chuva menor que guarda-chuva homem. E usou uma seda cor-de-rosa toda cheia de flor. O cabo ele não fez reto não: disse que guarda-chuva mulher tinha que ter curva. E pendurou no cabo uma correntinha que às vezes guarda-chuva homem não gosta muito de usar” (BOJUNGA, 2011, p. 48). Mesmo criando uma personagem feminina nas suas estórias, a menina acaba atribuindo um discurso de interiorização, ao falar da fabricação da Guarda-Chuva mulher. Assim, Raquel representa em sua brincadeira o mundo a sua volta. Tudo isso sem perder de vista a problematização muito interessante trazida sobre a diferença entre os gêneros na sociedade.

5 A vontade de ser escritora

Essa é, sem dúvidas, a vontade de maior importância no enredo, a vontade “gorda”, como ela mesma chama, pois é a partir dela que a obra ganha vida. Raquel é uma menina que adora criar estórias, pessoas, animais, entre outros seres imaginários. A imaginação é algo indispensável para a vida de Raquel, pois é por meio da fantasia que Raquel recria seu mundo. No caso da escrita, ela descobre um jeito de poder imaginar e inventar livremente sem ninguém atrapalhar. Por meio da escrita, Raquel está livre.

De acordo com Gladir da Silva Cabral (2007), em seu texto “Imaginação e construção da identidade na obra de Monteiro Lobato”, “Há algo revolucionário no desafio poético de refazer todas as coisas pelo exercício da imaginação, de criar um espaço mítico, próximo da natureza, em que pessoas e animais parecem se entender no tempo certo” (CABRAL, 2007, p. 109). Esse espaço mítico provindo da imaginação que o autor menciona pode ser facilmente notado nas estórias que Raquel cria, nas quais a menina mistura pessoas e animais de maneira harmoniosa e divertida.

Ainda nesse texto, Cabral (2007) cita Kieran Egan (2005) para melhor explicar o poder da imaginação, da fantasia, pois para Cabral “tanto a fantasia quanto a identidade individual e coletiva se fazem pela linguagem” (CABRAL, 2007, p. 112). Nas palavras de Egan:

Revista Linguagem, Ensino e Educação, Criciúma, v. 2, n. 1, jul. – dez. 2017

A fantasia vem sempre junto com a linguagem. Uma vez que aprendemos a gerar palavras, descobrimos com maior ou menor prazer que se podem usar palavras para descrever coisas que não existem. Podemos mentir, podemos criar ficções, podemos construir mundos de faz de conta. (...) a fantasia é parte de nossa herança humana. (EGAN, 2005 *apud* CABRAL, 2007, p. 112).

Raquel faz uso da linguagem escrita para criar estórias que a libertem do mundo opressor que a cerca. Mesmo sendo estórias, a menina faz uso de elementos reais que estão ao seu redor. Esse sentimento de liberdade que a menina experimenta ao escrever pode ser percebido no trecho a seguir:

Enquanto eu escrevia a ‘História de um Galo de Briga e de um Carretel de Linha Forte’, a vontade de escrever andou tão magrinha que já não pesava quase nada. Que alívio. Acabei até mudando de ideia: resolvi que se eu queria escrever qualquer coisa eu devia escrever e pronto. Carta, romancinho, telegrama, o que me dava na cabeça. Queriam rir de mim? Paciência. Melhor rirem de mim do que carregar aquele peso dentro da bolsa amarela. (BOJUNGA, 2011, p. 103).

Além de perceber o poder da escrita como algo libertador, pode-se notar que todas as estórias que a menina cria são compostas por personagens que têm como características próprias os desejos reprimidos dela e também o modo como ela vê as coisas ao seu redor. O alfinete de fraldas escrevia todas as coisas que pensava e vivia se escondendo para que ninguém o encontrasse e o colocasse no lixo, como fica claro no trecho a seguir:

Já não aguento mais viver aqui jogado: passa gente em cima de mim; chove, eu fico todo molhado, pego cada ferrugem medonha; e cada vez que varrem a rua eu esfrio: ‘pronto! Vão achar que eu não sirvo mais pra nada, vão me levar no caminhão do lixo’; me encolho todo pra vassoura não me ver; e depois que ela passa, e depois que o susto passa, eu risco na calçada um anúncio de mim dizendo que eu sirvo, sim; mas nada nunca acontece. (BOJUNGA, 2011, p. 43-44).

O segundo personagem é o galo Terrível, que está sempre brigando mesmo sem querer, pois isso foi algo que lhe foi cobrado desde pequeno, como podemos ver no fragmento a seguir: “Assim que ele nasceu, resolveram que ele ia ser um galo de briga tão brigão, tão ganhador de todo mundo, tão terrível, que o melhor era ele se chamar Terrível de uma vez e pronto” (BOJUNGA, 2011, p. 92). Raquel não era obrigada pela família a brigar como Terrível, mas também vivia sob a influência dos pais, que queriam decidir o que ela devia ou não fazer. Mesmo sem querer, Raquel sempre se metia em confusão porque ninguém entendia seu jeito de levar a vida e entender o mundo.

E por fim, o terceiro: o galo Afonso é o que mais representa o pensamento de Raquel sobre como deveria ser a sociedade, pois essa personagem é alguém que mesmo sendo homem e

tendo como privilégio, dado pela sociedade, o poder de mandar e desmandar nas mulheres, ele pensa que a sociedade deveria ser igualitária e que as galinhas do seu galinheiro deveriam decidir o que fazer, como se pode perceber no fragmento:

Quando eu expliquei que desde pequenino eu sonhava com um galinheiro legal, todo mundo dando opinião, resolvendo as coisas, achando furada essa história de um galo mandar e desmandar a vida toda, sabe o que elas fizeram? Chamaram o dono do galinheiro e deram queixa de mim. (BOJUNGA, 2011, p. 36).

Assim como Afonso, Raquel sonha com uma sociedade em que a mulher possa resolver as coisas da mesma maneira que um homem, principalmente sobre elas mesmas. Raquel deseja que as mulheres passem a ter uma posição de igualdade na sociedade. Por conta disso, Raquel escreve e põe para fora aquilo que não consegue resolver em sua realidade. A imaginação e o processo de escrita servem de consolo, a bolsa, de esconderijo para todas essas vontades.

6 Conclusão

Por meio do desenvolvimento deste trabalho, foi possível compreender melhor como a criança foi e ainda está colocada em nossa sociedade. Os resquícios de seu silenciamento ainda se fazem presentes. Por isso, quase 30 anos depois de sua primeira publicação, a história de Raquel ainda ecoa em nossas discussões e permite identificação a muitos leitores, sejam eles jovens ou adultos.

Quanto às revelações obtidas com a bolsa amarela, percebeu-se, ainda mais, que o mundo infantil é, sem dúvidas, um mundo fantástico onde tudo é possível por meio da imaginação, onde o faz de conta é algo indispensável para o desenvolvimento infantil e, muitas vezes, única saída para se encarar uma dificuldade, como a opressão que Raquel enfrentou em sua casa e, claro, pela construção social ao seu redor.

As três vontades da menina são frutos da realidade rígida em que Raquel vive. Enquanto não pode ser grande, Raquel estranha os adultos e desabafa com seu amigo imaginário. Já que ninguém ali a ouve, ela recorre a André, leitor bondoso. Enquanto não pode ser menino, Raquel inventa personagens masculinos com quem se identifica e reproduz de modo criativo sua própria realidade. Por fim, pela escrita, Raquel se liberta e se reinventa. Guarda tudo na bolsa, que se torna lugar especial. Ao guardar, Raquel não está abafando suas vontades, pelo contrário,

põe para fora aquilo que está preso no peito. Sai pela escrita a angústia de se sentir deslocada mesmo estando entre os seus.

Se chegamos até aqui é porque um dia já nos sentimos como Raquel e hoje usamos o poder da pesquisa e da escrita acadêmica para entender melhor a infância e a Literatura. Sempre defendendo que a este pode ajudar àquela.

Referências

CABRAL, Gladir da Silva. **Imaginação e construção da identidade na obra de Monteiro Lobato**. In: FRITZEN, Celdon; CABRAL, Gladir da Silva (orgs.). **Infância: imaginação e educação em debate**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2007. p. 109-120.

CARRARA, Sérgio. **Educação, diferença, diversidade e desigualdade**. In: ARAUJO, Leila; BARRETO, Andréia; PEREIRA, Maria Elisabete (orgs). **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais**. Livro de conteúdo. versão 2009. Rio de Janeiro: Cepesc; Brasília: SMP, 2009, p. 13-15. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/publicacoes-oficiais-1/catalogo/orgao-essenciais/secretaria-de-politica-para-mulheres/genero-e-diversidade-na-escola-formacao-de-professoras-es-em-genero-sexualidade-orientacao-sexual-e-relacoes-etnico-raciais/view>. Acesso em: 3/11/2015.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Infância e pensamento**. In: GHIRALDELLI JR., Paulo (org.). **Infância, escola e modernidade**. São Paulo: UFP, 1997. p. 83-100.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: histórias e histórias**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987. 190 p.

NUNES, Lygia Bojunga. **A bolsa amarela**. 35. ed. **Rio de Janeiro**: Casa Lygia Bojunga, 2011. 140 p.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 10. ed. São Paulo: Global. 1998. 118 p.